

Universidade Federal Fluminense
Departamento de História
Disciplina: História Oral
Prof.º Marcos Alvito
Aluna: Cristiane Maria Marcelo

Projeto: *“Trabalho e identidade? Trabalhadores no Brasil do Século XXI- Uma pesquisa de História Oral”*.

Fita 1: 12/11/04

Entrevistada: Vera Lúcia de J. Vieira

Entrevistadora: Cristiane Maria Marcelo

Local: Sala da Revista Tempo do Departamento de História no 5º andar do Bloco O (ambiente de trabalho).

Lado A:

Cristiane: Vera, eu queria que você falasse um pouquinho da sua infância. O que você lembra da sua infância?

Vera: Muito moleca (risos). Trabalhei muito Cristiane, eu não tive essa infância de brincá igual essas coisas que as criança hoje em dia têm né? Eu não. Trabalhava... eu trabalhei desde criança, muito difícil, foi muito difícil mesmo a minha vida, como criança foi muito difícil. Meu pai se separou da minha mãe, a gente teve que trabalhá cedo, vender cocada na rua, bolo. Quer dizer, a gente já vem já do sofrimento né? Aí não tivemos infância.

C: E seus pais, assim? Fale um pouquinho mais deles.

V: Pra mim eram ótimos, mas só que a vida da gente se complicou depois que eles dois se separaram né? Quando eles tava junto era mil maravilha, a gente tinha uma vida até de rainha, deles dois junto, depois que... separaram, aí começou a faltar as coisa, nós tivemos que trabalhar. Uma coisa muito (...), às vezes eu não gosto nem de lembrar o passado (...) muito difícil mesmo. Eu sofri muito, meus irmãos, não só eu né? Mas meus irmão também.

C: Quantos irmãos você tem?

V: Tenho dois homens e uma menina.

C: E vocês sempre moraram aqui no Rio?

V: Moramos, sempre moramos aqui no Rio.

C: E você tem assim, alguma lembrança dos seus avós?

V: Só tenho lembrança da minha avó por parte da minha mãe, que era ótima, maravilhosa. Eu era criança, brincava muito com ela, ela me adorava, tudo o que ela ia comê ela tinha que repartir comigo. Era muito legal mesmo. Só o pedacinho que eu lembro dela é isso aí mesmo. Mas era muito legal, muito maneira mesmo. Se ela fosse comê uma bala ela dividia, fosse comê um bolo dividia. Tudo é “minha netinha, minha netinha”. Esse ponto aí foi muito legal.

C: Mas qual o lugar específico assim. Qual o lugar que você morou quando você era criança?

V: É, Várzea das Moça.

C: Aqui em Niterói mesmo?

V: É.

C: E os seus irmãos assim... Qual era a relação de você com seus irmãos?

V: Ótimo. Sempre foram boa, a gente brigava muito porque criança se atraca, tem aquele negócio né? De brigaá, de dar tapa um no outro, mas até hoje somos unidos.

C: Você tem contato com eles? Moram todos juntos?

V: Tem, tem. Um mora em Icaraí, outro mora em Caxias. Quer dizer, dois mora em Icaraí, a menina e o menino, e o outro meu irmão mora em Caxias, motorista. O outro de cá é mecânico e a menina trabalha em salão fazendo unha.

C: qual nome deles?

V: Heribaldo (ó nome, bonito à beça!), José Augusto e Eurides.

C: E a sua mãe? O nome de sua mãe.

V: Minha mãe, Neusa. Muito lutadora também, minha mãe foi muito sofredora, foi muito lutadora mesmo. Até a maioria do pessoal que conheceu minha mãe fala que eu puxei muito a ela, de trabalhá, de ser esforçada, ser guerreira né? Porque tem sofrimento mas tem a vitória depois, isso é muito importante.

C: Sua mãe ainda tá viva?

V: Não, minha mãe é morta. Minha mãe tem 19 anos de falecida. Quando ela faleceu eu tava com a minha filha (essa que tem 19 anos) tava com dois meses de nascida.

C: Então já que você falou de seus filhos, gostaria assim que você falasse da sua família hoje, sua família atual.

V: Meus filho, meus neto. Meus filho, meus neto são maravilhosos. Eu tenho uns filhos maravilhosos. Tenho os meus netos maravilhosos. Tenho um caszinho de neto né? O Marlon e a Poliana. E duas menina também maravilhosas que, apesar do local que eu moro que é o Morro do Estado (...) essas coisa, mas apesar disso tudinho Cristiane... meus filho foram tudo criado aqui, mas nunca se misturaram, nunca me deram problema, são trabalhador, estuda, faz curso de informática. Todos eles são... nunca me deram desgosto não, graças a Deus, eu agradeço muito a Deus por isso.

C: Eles continuam estudando?

V: Continuam. O Carlos Alexandre tá no 1º ano do segundo grau, fazendo informática na Microlins, até passou né? Vai pegar o diploma amanhã. A Priscila também tá fazendo o 1º ano do segundo grau. E só a Patrícia que casou e parou os estudo, parou na 5ª série e não quis continuar né? Depois que ela teve uma menina eu perguntei pra ela se ela queria que eu tomasse conta da menina pra poder ela estudar, ela não quis. A outra não, a outra continuou. Por isso que eu saio daqui às 16h, vou pra casa correndo pra ficar com meu garoto, meu neto, pra poder ela acabar os estudo dela. E dou maior força mesmo, se tiver que fazer faculdade, se tiver que catá papel para ela fazer, vender latinha. Eu faço o possível pelos meus filhos.

C: Você acha que é importante... ?

V: Muito importante ter estudo, muito importante. Eu não tive oportunidade de estudá, então acho que é muito importante.

C: É... fale um pouquinho mais de seus netos.

V: ah! Cristiane se eu falar dos meus neto vou babar (risos). São maravilhosos, são duas criancinhas maravilhosas, têm 4 anos. Unzinho, o Marlon, o pai só teve o prazer de fazer. Abandonou, e eu que crio ele. Eu tenho até como um filho. Ele mesmo fala: “-vovó, você é minha vó, minha madrinha e meu pai” porque é eu que crio ele desde quando nasceu. Não deixo faltá nada. É um amor de criança, apesar dele não ter o pai, o pai faz muita falta na vida de uma criança. Ele é uma criança super calma, carinhosa, é amorosa. Se você ligar pra minha casa ele “oi tia, qué falá com quem?”. Cê vê que a criança já vem assim de berço mesmo, com bastante carinho, né? Às vezes eu sinto que ele se sente assim, meio rejeitado por não ter pai, mas eu e meu filho pô, dá maior carinho mesmo a ele, pra não deixá ele se sentir sabe a falta do pai. Mas no fundo, no fundo, a gente sempre percebe né?

C: Aí esses dois netos que você tem são das duas meninas?

V: Não. Esse é o da Priscila, O Marlon, e a Poliana é da Patrícia. A Poliana é calma, é meiga, é carinhosa, inteligente, é implicante (risos). Os dois são muito implicante, quando eles dois chega junto assim, eles saem no pau, mordem um ao outro, mas na escola cê tem que vê como é que são: “_ ô meu pimo, meu pimo, oi pimo!”. Aí tem que vê ela falando “- Ô meu dotoso”, que é gostoso né? E na escola assim, eles não mostram que vive brigando, se atacam não, né? Em casa, se atraca o tempo todo.

C: Então vamos lá... agora eu vou te fazê algumas perguntas sobre o seu trabalho né? (V: Uhum!). Cê lembra qual foi seu primeiro emprego que você teve?

V: Assim, você quer saber assim, de carteira assinada ou ...? ¹

V: Desde criança. Desde criança, é o que eu te falei antes né? Eu vendia bolo, cocada pra fora. Minha mãe, depois que ela melhorou, que ela fez duas operações, ela abriu um mini-sacolão, a gente trabalhava no sacolão, também vendia bolo, entregava bolo nas padaria, a gente tinha assim, nossas entrega certa de fazer. Aí a gente ia entregá os bolos, e a minha mãe ficava em casa vendendo, fazendo bolo, essas coisa, e a gente ajudava num sacolãozinho que ela fez. Mini-sacolão, era só pra nunca faltá nem o pão, nem o leite. E, depois com 13 anos comecei a trabalhar em casa de madame pra ajudá minha mãe, só tinha prazer de trabalhá, todo mês ela ia lá recebê o meu pagamento, pra poder fazer compras pra dentro de casa. Aí minha ex-patroa (eu chamava ela de tia né?). ela falava assim “- Pô Vera, você trabalha, trabalha e sua mãe só vem aqui e pega o seu dinheiro, não compra nem uma calcinha pra você, nem um short, nem nada”. “-não tem problema, tô ajudando minha mãe, tá tudo bom”. Aí ela ficava com pena, comprava calcinha, short, blusa, essas coisas pra mim, sandália. Coisas que minha mãe não podia fazer ela ia e completava.

C: Com quantos anos você começou a vender essas coisa no sacolão?

V: 8 anos, 8 anos de idade. Com 12 eu comecei a trabalhá em casa de madame. E trabalho até hoje. Trabalhei na casa de madame, depois saí, trabalhei na *Içã Bijuteria*, montando esses cordãozinho. Depois trabalhei na firma de limpeza *Sitran*, lá no Rio, Banco Central. Depois virei encarregada, né? Dessa firma de limpeza, virei uma encarregada. Fui trabalhá na *Conserve-se*, fui trabalhá de

¹ Fiz gesto como se quisesse falar qualquer tipo de emprego.

encarregada lá, trabalhei na Secretaria do Estado de Meio Ambiente, depois fui pra Telemar. Eu já rodei firmas, eu já rodei setores.

C: Nessa primeira experiência que você falou, que você trabalhava né? Dessa casa de família. Com era assim o seu relacionamento com a sua patroa?

V: Ótimo, ótimo, ótimo mesmo. Até hoje ela me tem como se fosse uma sobrinha mesmo, uma parente dela. Ótimo. Os filho dela tinha até ciúme de mim com ela. Ótimo mesmo, me tratava super bem, como se fosse... dormia no mesmo quarto junto com as filha dela, não tinha aquele negócio separado sabe? Nada disso. Eu almoçava na mesa com eles. Ela, o esposo, os filho, as filha. Saía com as menina dela, pra onde elas ia elas me levava junto. É muito bom, muito bom mesmo. Até hoje ela ainda me liga: “- oi minha filha”. “- oi tia”. Ela: “- oi minha sobrinha”. Até hoje a gente se dá super bem.

C: E assim... Como que você conseguiu trabalhá lá, na casa dessa sua patroa?

V: É... Era muito amiga da minha mãe. Aí ela falou pra minha mãe que tava ficando já uma coroa e precisava de uma pessoa, que fosse uma menina pra sair e fazer essas coisa assim com ela, aí eu fui trabalhá lá, minha mãe me colocou.

C: É... O que eu ia mais te perguntá?! Quanto tempo assim você ficou lá?

V: Fiquei bastante... Nessa casa? Olha pra ser sincera a você... eu fui pra casa dela acho que eu tinha... acho não, tinha uns 10 anos quando eu comecei a trabalhá com ela. Oito anos, dois anos a gente ficou vendendo bolo, mini-sacolão, essas coisa. Depois fui trabalhá na casa dela. Tinha uns 10 anos, saí de lá com 17 para casar. Nem falei do meu casamento né? (risos). Falei que sou solteira na listagem, mas sou casada, sou viúva agora né? Claro. Eu saí de lá para casar, e ela ficou muito triste quando eu saí para casar. Ela me falou “ Não vai não minha filha! Não vai porque... pra você tê sua vida, sai pra onde você quer com as minha filha, aí vai se casar, vai se prendê”. Mas só que na época e queria é casar, quando a gente gosta, quando a gente ama, a gente qué é casar. E fui morá cum rapaz.

C: Fale um pouquinho sobre seu casamento.

V: Ótimo, ótimo. Tive meus filho maravilhosos né? Foi bom, muito bom mesmo. Casei nova, foi uma boa experiência que eu tive. Um marido também maravilhoso, foi muito bom comigo. Depois separamos, depois desse... tivemos uma filha e separamos né? Por causa de vizinho, por causa de fofoca, separamos. Aí, voltei pra casa da minha mãe com minha filha mais velha, pequena. Aí conheci o Odair que foi meu segundo marido, que “matei” também, “matei” (risos)². Aí, do primeiro casamento, separamos tal, ele teve um acidente de moto e faleceu. Eu na época era novinha, boba, não tinha como correr atrás de pensão essas coisas, aí eu fiquei ó. Voltei pra casa de madame pra trabalhá, pra sustentar minha filha, foi aí que eu conheci o segundo marido, minha filha tava com dois anos quando eu conheci ele. Aí fui mora com ele, com ele eu vivi 15 anos. Quinze anos, foi quando eu tive a Priscila e o Carlos Alexandre.

C: Qual era o nome dele?

V: Do primeiro, Odair, olha só Odair, Amilson. Do segundo Odair.

C: É... Aí você falou que tinha essa patroa né? Qual era o nome dela?

V: Zezé. Dona Zezé.

² Lembra da existência do gravador.

C: Você sabe qual era o lugar? A casa...

V: na Rua Padre Anchieta mesmo, 56 o número.

C: O que que você fazia lá assim?

V: Lavava o quintal, lavava louça, limpava a casa, limpava mesmo tudo, a casinha dela toda. Só não lavava roupa e fazia comida, o resto fazia tudo. Lavava banheiro.

C: Cê gostava?

V: Gostava. Lavava banheiro, limpava a janela, essas coisas de limpeza, fazia tudo.

C: Aí depois você falou que foi pra uma firma de bijuteria.

V: Isso, mas lá eu trabalhei muito pouco tempo, porque logo em seguida, eles era árabe, eles foram embora, aí teve que fechá. Eu trabalhei lá, acho que o que, uns 8 meses, nove, um negócio assim, não chegou nem um ano, porque tiveram que fechá pra ir embora pra árabe. É, *Içã bijuteria* o nome de lá.

C: Içã?

V: *Içã bijuteria*.

C: Era aqui em Niterói.

V: Não. Em Nossa Senhora de Copacabana.

C: E lá você teve carteira assinada?

V: Não. Não porque eu era de menor na época né? Eles não assinava carteira. A firma mesmo que eu tive carteira assinada foi a *Sitran*. Entrei na *Sitran* pra trabalhá, ela assinou minha carteira, e o Pis mesmo ela não assinou. Quem assinou, quem fez a carteirinha do meu PIS foi a *Conserve-se*. Foi essa que eu virei encarregada. Mas, a Içã não. A Içã ficou muito pouco tempo também né?

C: E lá você... Aí o que que você fazia lá assim?

V: Eu era montadora, eu montava cordão, a gente pegava o (...) ia pegando as bolinha, e ia fazendo o cordãozinho. Eu sei, se eu ficar desempregada hoje, eu tenho certeza se eu comprá os materiais todo eu faço.

C: Você teve um monte de emprego, parece que você tem facilidade de conseguir emprego.

V: Tenho, bastante, bastante mesmo. Eu não sei se é pelo jeito que eu sou, comunicativa (risos). Conversar. Ser alegre com as pessoas porque isso eu acho muito importante pra um serviço. A pessoa trabalhá, brincá com as pessoas, sorrir, cantá. Cê vê que às vezes as pessoas me pergunta "Vera parece até que não tem problema". Ter tem, claro que tem, mas vai ficar demonstrando? Jamais, tem que sorri, cantá, conversá com as pessoas, ser simpática, isso é muito importante. Como que aparece bico pra gente aqui, como, é faxina pra fazê, é essas provas que têm que a gente ganha um dinheirinho extra, esses cafezinho que a gente faz, a gente ganha um extrazinho. Então isso é muito importante. Olha, a Ângela vai entrar de férias, eu vou ficá no lugar dela fazendo café, eu e a Ilza Carla, já ganhamos três caferes para fazer, tudo extra, e uma faxina aqui no departamento, no quarto andar. Porque falaram pra mim que o meu andar é muito caprichoso, muito limpo e qué a sala dela do mesmo jeito da minha aqui, é mole! Aí eu marquei com a menina, 4ª feira.

C: Aí depois da bijuteria você foi pra...?

V: Pra firma de limpeza, pra *Sitran*, depois da *Sitran* fui pra *Conserve-se*, firma de limpeza também né? E dessa *Conserve-se* eu saí, eu era encarregada, porque eu

tive um namorico com o supervisor, terminei, não quis mais ficá na firma, fui embora, pedi contas, e saí da firma. Voltei pra casa de família de novo, trabalhei na casa da Dr^a Leila, em São Francisco, trabalhei lá oito anos.

C: E como era lá?

V: Ótimo. Quando eu fui trabalhá lá, eu trabalhei... ela tava gestante do Gabriel, eu criei o Gabriel, cuidei assim né? Tomava conta dele. Ela ia trabalhá, ela era médica, dermatologista, ela é clínica, ela é pediatra. O marido dela é médico de rins, renal, Dr^o Alan. Aí saía tudo de manhã pra trabalhá, e eu que criei as criança. A Talita e o Gabriel, lavava, passava, cozinhava, arrumava, fazia faxina, levava as criança pra dentista, levava as criança pra médico, tudo era comigo. Saía de manhã e a casa era minha. Eu recebia móvel, tudo que eles comprava era eu que assinava era eu que... era de frente pra tudo, pra tudo.

C: Cê gostava?

V: Gostava, sempre gostei dos meus serviço que eu faço, eu faço com amor e com carinho, isso é muito importante, muito importante mesmo. Se eu pego uma criança pra tomá conta, é muito importante se a mãe sai de manhã pra trabalhá a gente que toma conta de uma criança tem que dá carinho e amor pra aquela criança, né? Porque tem muitas babá que eu vejo aí na televisão, dando tapa, maltratando, aquilo me revolta, me revolta muito porque, criança, primeiro que criança não é pra tá judiando, criança é pra dá amor e carinho a ela, né? Se você grita com a criança, ela vai gritá com você, e não é legal, criança é bom você falá com carinho e com amor, porque elas sempre vão falá com as pessoas com carinho e com amor, têm pessoas que não acha isso, tem que judiar, maltratá a criança, eu não gosto. E até hoje eles me chamam de segunda mãe, a Talita e o Gabriel. Eu ligo pra lá às vezes ela “Ah minha segunda mãe” “Ô mãe, minha segunda tá aqui”. Tem que vê, faz uma farra “Verinha quando você vai vir aqui? Eu to com saudade de você”. Aí eu falo “mãe Verinha não pode ir aí agora não porque mãe Verinha tá trabalhando”. Ela: “Ah, mas aparece, não some não.”. Aí eu: “Tá, tá, tá bom”. Mas eu adorava, adorava eles dois, gosto muito deles, sempre ligo pra saber deles, acho muito bonito mesmo criança, criança é uma coisa maravilhosa (risos).

C: E na *Sitran* que você trabalhou foi sua primeira empresa com carteira assinada?

V: Isso. Gostava também. Trabalhei no Banco Central, eu era... trabalhei de seis da manhã às três da tarde e trabalhava de seis às dez da noite. Eu trabalhava em dois horários. Saía quatro hora aí ia pro mercado pra comprá um biscoito, um lanche pra gente lanchá, eu e as meninas né? Aí a gente vinha lanchava, aí quando dava seis hora a gente entrava pra fazê a limpeza grossa. Durante o dia a gente só conservava, assim, a gente limpava cinzeiro, tirava o lixo né? Caía alguma coisa no chão a gente ia lá limpá, essas coisas simples. Agora, o pesado mesmo era à noite, a gente fazia lavação, essas coisa. Por isso que aqui às vezes eu estranho porque a lavação é durante o dia. Quer dizer, não é estranhar assim, preguiça, não, jamais, porque isso não existe comigo. Adoro trabalhar, adoro mesmo, tenho satisfação em trabalhá. Tenho. Orgulho, orgulho mesmo de trabalhá.

C: Se você um dia ficá sem trabalhá...?

V: Ai eu acho que eu fico doente, eu já pensei nisso. Às vezes eu fico assim lá em casa sentada pensando, eu fico “ai meu Deus”. Eu tive uma hérnia de disco na coluna, tenho problema de coluna né? Eu fiquei sem andar, como eu chorava dentro da minha casa. Eu falei “meu Deus, o dia que eu ficá parálitica, que eu ficá sem trabalhá eu vou enloquecê, eu vou ficá maluca”, porque eu não consigo ficar parada, não consigo mesmo. E, às vezes eu falo pra Ângela: “Ângela eu trabalho porque eu gosto de trabalhá, eu gosto”. Porque eu tenho minha pensão, o meu segundo marido ele faleceu, mas eu corri atrás e consegui a pensão dele. O que eu ganho é muito mais do que isso aqui. Eu ganho da pensão dele R\$ 354,00 (reais). Eu ganho da *Luso-Brasileira* R\$ 270,00 reais. Olha a diferença, trabalho porque eu gosto. Fala sério! Se eu não gostasse de trabalhá eu ficaria em casa. Minha filha mesmo às vezes fala assim “Pô mãe, eu hein, você vai trabalhá doente com problema de coluna, vai trabalhá, não sei o que. Você precisa disso mãe, você não tem sua pensão?”. Eu “Não, mas trabalhá, ter nosso dinheirinho é muito bom”. Eu trabalho porque eu gosto de trabalhá. Olha eu acho que Deus me livre e guarde eu ficá dentro de casa assim, desempregada. Eu acho que eu vou a loucura, eu morro, não consigo ficá sem trabalhá não. Aí Ângela fica assim: “- E quando você se aposentar?”. “- Ah! Eu coloco alguma coisa na rua pra eu trabalhá, vou trabalhá vendendo alho, chocolate”, alguma coisa eu faço mas não vou ficá dentro de casa. Com certeza Cristiane, se eu me conheço, não vou ficá dentro de casa.

C: E na *Sitran* você disse que trabalhava no Banco Central. (V: aham). E como que era lá assim? Era a mesma coisa como é... tipo o ambiente que você tinha com a sua patroa, amizade, que você disse. Como que era lá no Banco Central?

V: Ótimo, ótimo, eu sempre me dei bem com as minhas amigas. Sempre, sempre, sempre mesmo. Tinha um pouco assim de surgir aquele negócio de inveja, como aqui também tem né? Um pouco de inveja, por eu caprichar no meu serviço. Porque eu faço o meu serviço com amor, porque tudo que você faz sorrindo, com amor, isso é muito importante, parece que o seu serviço fica caprichado, dura mais tempo a sujar, isso é muito importante. Tem gente que chega aqui “Vera o que você fez aí pra ficá brilhando o seu chão, eu lavo o meu e não fica assim”. Paciência. O que eu boto aqui, nesse chão aqui é muito amor e muito carinho. Aí as pessoas fica assim “Pô o andar de Vera, não sei o que”. Ué, faça com carinho e amor que tudo vai sair perfeito né? E lá era assim, eu sempre me dei bem, com supervisor, com encarregado, com as minhas colega de trabalho, minhas amigas de trabalho. Até hoje eu tenho algumas que a gente se comunica até por telefone e tudo. Às vezes eu marco, vou pra casa delas no final de semana, fico lá com elas. Muito show mesmo.

C: E com os funcionários?

V: Super bem. Fazia a faxina, a mesma coisa que eu faço aqui, com os funcionários daqui eu fazia com os funcionários de lá. Fazia faxina, saía, fazia faxina com elas, pra elas, na casa delas. Os homens também me dava super bem. “- Ah Vera, minha mãe quer uma faxineira”. Arrumava alguma coisa pra gente fazer no final de semana. Sempre me dei bem com todo mundo graças a Deus.

C: E lá você ficou quanto tempo?

V: No Banco Central eu fiquei até ela perder a concorrência. Acho que uns dois ou três anos ou mais até. Uns dois ou três anos, porque logo em seguida ela tava

perdendo a concorrência, aí ela perdeu a concorrência e entrou a *Conserve-se*. Aí a *Conserve-se* assumiu a gente. E eu fiquei lá, continuei.

C: E... o que eu ia te perguntar? Na *Sitran*, *Sitran* né o nome? (Vera: uhum) Você tinha décimo terceiro, férias?

V: Tinha, tinha. A gente tinha tudo direitinho. Férias, décimo terceiro. Ganhava o meu pagamento durante o dia descontado né? Do INSS, essas coisas que... de direito mesmo, tiquete de refeição e vale transporte. À noite era o extra da gente, então não vinha descontado, eu achava super legal isso. Recebia meio salário à noite, mas aquele meio salário limpinho em cima do nosso pagamento.

C: E o tempo lá na.. É *Conserve*?

V: Na *Sitran* eu fiquei quatro anos. Na *Conserve-se*, ah eu fiquei uns oito anos, oito ou mais. Fui bastante... Eu tô quase me aposentando já (risos).

C: Eu tô vendo, você já trabalhou muito tempo da sua vida.

V: Bastante, não tive nem infância. Por isso que hoje Ângela, quando eu brinco, eu paquero. Aí Ângela fica assim "Aí, não teve infância, agora aí, a infância dela é agora". Em brinco com meu neto em casa, eu brinco com a minha neta, eu pego boneca, eu brinco assim, coloco fraldinha na boneca, ensino pra minha neta, como é que tem que brincar coma boneca. Aí minha filha fica assim "ai meu Deus, mãe não teve infância". "Não tive mesmo não minha filha. Por isso que eu falo pra você, mãe tudo que era boneca que você queria, mãe fazia das tripa coração mas comprava, porque tudo que vocês pedia pra mim comprá eu comprava. Por que? Porque eu não tive infância". Eu nunca poderia olhar pra cara da minha mãe e falar "mãe eu queria aquela boneca ali", eu sabia que a minha mãe não teria condições de me dá. A gente já sabia as condições e nem pedia uma boneca. Meu irmão queria um carrinho, aqueles carrinho antigamente que era aqueles carrinho de madeira, né? Ele nunca pediu porque sabia que a minha mãe não tinha condições de dá. Hoje em dia o que eu posso fazer pelas minhas filha, meus netos, eu faço. Porque coisas que a minha mãe não teve condições de fazer pra gente, eu tento fazer o melhor.

C: Aí voltando um poquinho porque você falou sobre sua mãe, tô vendo que você adora falá dela. Os seus outros irmãos assim, eles também ajudavam, trabalhavam pra ajudar sua mãe?

V: Todos eles trabalhava, todos eles dava dinheiro na mão da minha mãe. Nós fomos até uns filho muito agarrado com a nossa mãe. Aí quando meu pais separou, botou no juiz pra tomá as meninas, ele queria as meninas e queria deixá minha mãe com os dois meninos. E quando chegou lá no juiz os meninos falou que queria ficar com a minha mãe, eu também, minha irmã falou a mesma coisa que queria ficá com a nossa mãe, e ficamos. O juiz foi deixou a casa pra nossa mãe e deixou a gente. E, a gente adorava nosso pai né? Mas a preferência mais é a mãe, claro, com certeza. Pai faz falta mas nem tanto como a mãe.

C: Seu pai ainda tá vivo?

V: Cristiane ele sumiu, a gente não sabe se ele é vivo ou morto. Meu irmão já foi procurá até em Silvio Santos, e até hoje não tem notícia. Falaram que ele tinha ido embora pra Alagoas, meu irmão viajou pra Alagoas, esse que é motorista, viajou pra Alagoas atrás, não encontrou. Meu outro irmão soube que ele tava morando em Aracaju, Sergipe. Meu irmão foi pra lá também não encontrou, procurou tudo, não encontrou. Meu irmão já levou retrato pro Silvio Santos, e nada. Até hoje ele

nunca deu notícia, sinal que nunca se interessou né? Dá uma atenção melhor. Hoje eu até falo lá em casa “Poxa, se meu pai aparecesse aqui seria ótimo, vê os neto, conhecer os neto, os bisneto. Aí minha filha fica assim “Pô mãe você se preocupa tanto com seu pai”. Eu falo “minha filha, é meu pai, não deixa de ser meu pai”. Procurando a gente, ou não, dando carinho e amor ou não, ele é meu pai. Aí ela ficou assim olhando. E tudo isso Cristiane porque eu passei...sempre tentei passá o melhor pros meus filhos. Eu fui uma menina muito sofrida né? À época que meu pai morava com a gente, ele batia muito na gente, qualquer coisa que ele se aborrecia, ele bebia na época e batia... judiava muito da gente. E, coisas que eu passei, eu nunca fiz com meus filhos, principalmente judiar, bater, não. Meu problema com meus filho é muito amor e carinho. Tá errado, minha filha errou, eu sento com ela e converso, troco maior idéia mesmo. Cê tem que ver o carinho e o amor que meus filhos têm comigo, graças a Deus, as menina e o menino. E, falei até antes né? Ter eles, criar eles no lugar que eu moro, lugar de droga, tóxico, matança, porque é horrível aquilo ali né? Eu moro ali porque eu tenho necessidade, não por amor, isso aí não é por amor que eu moro ali não, é necessidade mesmo. E sempre conversei com as minha filha, sempre mostrei a realidade pra elas, ao namorar bandido, não se misturá com bandido, com essas garotas perdida que a gente vê, garota com 12, 9 10, 11 anos já grávida de bandido, coisa que você sabe que não vai ter futuro, mais tarde. Cê vai ter o que? Um filho no braço e um marido morto, né? Então sempre passei isso pras minhas filha. Pro filho sempre mostrei a realidade. Quando tinha algum traficante lá morto, eu “vem cá filho, vem cá”, levava no local, levava, mostrava “ tá vendo isso aqui filho, morreu porque roubava, fumava, cheirava, andava com revólver na mão, correndo da polícia”, tudo isso eu explicava, fazia uma lavagem cerebral na mente dele. E meu filho hoje em dia tá com 16 anos e tem uma cabeça que só você vendo, trabalha, pega 8:30 no serviço dele, larga 17:30, vai pra...³

LADO B:

C: Você tava falando do seu filho.

V: Que ele estuda no Liceu né? (...) Horário que ele pega no trabalho, que ele sai. E, admiro muito ele, admiro mesmo, sempre falo pra ele sabe que eu tenho maior orgulho dele, isso é muito importante a gente que é mãe passá isso pros filhos “pô filho me orgulho muito de você, continue assim, você é um ótimo filho, maravilhoso”. E as meninas também eu falo a mesma coisa, “me orgulho muito de vocês duas”. A Patrícia arrumou um marido (...) adoro meu genro, adoro mesmo de coração. Ele, é mais um filho que eu ganhei né? Ele é ótimo filho com a mãe dele, pra mim é ótimo filho pra mim também, show de bola, tudo que eu peço nunca diz não, sempre tá ali a me servir, quando ele precisa de mim também, estou ali para servir, é uma família unida, e isso é muito importante.

C: Seus filhos moram com você?

V: Mora a Priscila e o Carlos Alexandre, e o Marlon né? Que é o neto. A Patrícia e o Luciano que é o meu genro e a Poliana mora na casinha deles separada, mora

³ Enquanto eu trocava o lado da fita, chegaram dois funcionários e conversaram um pouco com a gente mais rapidamente foram embora.

na casinha deles separadinha, eles mora mais em cima da minha casa ,mas tudo perto. Todo dia quando eu chego lá vê se a minha neta tá bem ,se a minha filha tá bem, se o meu genro precisa de alguma coisa, se ele tá bem. A mesma coisa também eles faz comigo “ Ah , mãe cê tá legal, cê tá bem?”, quando eu não vou lá “ Mãe cê tá doente?” , “Por que filha?”, “ Cê não foi lá em casa hoje”, “Não tô bem sim filha, é que mãe tá um pouco cansada”, aí eu deito lá, “Ah tá mãe pensei que cê tava doente”. Toda noite é rotina, eu vou lá vejo a minha neta, vejo o meu genro, minha filha, e pergunto se ta tudo bem. “Tá tudo bem aí minha filha”, “ta mãe, tá sim, entra aí”. Aí a gente conversa um pouco, quando eu não vou ela sente falta.

C: E seus filho sempre te respeitaram né?

V: Graças a Deus. Sempre me respeitaram, sempre passaram carinho e amor pra mim, também. Se eu falo “ai tô sentindo uma dor”, eles “mãe quer que eu compre o que?”. O garoto então vai lá pega leite, trás remédio, e as menina também são muito carinhosa, muito amorosas, mas eu sempre passei isso tudo pra eles. Eu me orgulho muito dos três filhos que Deus me deu.

C: Aí voltando a sua profissão, aí você tava na *Conserve-se* (Vera: isso). Aí você foi pro cargo de...?

V: De encarregada, dentro da *Conserve-se* mesmo eu fui pro cargo de encarregada. Conheci uma encarregada geral que se chamava Magda, amor de pessoa, e gostava do meu trabalho, diz que eu trabalhava muito bem, que eu caprichava, que eu fazia as coisa com amor. E, falou com supervisor, conversou com o supervisor, mandou o supervisor observar mais o meu serviço. Ele falou “Pô Magda, por que?”, “Pô menino, essa garota tem tudo pra ser encarregada, uma boa encarregada vem de uma boa limpeza”. Aí me colocou. Foi até uma homenagem muito bonita que eles fizeram lá pra mim, né? Os funcionários também adoraram, fizeram uma grande homenagem lá. Colocaram no papel “A grande funcionária, agora vira uma grande encarregada”. E fiquei trabalhando um tempão lá assim, de encarregada, e agradeço muito a Magda, foi ela que incentivou o supervisor a me colocar como encarregada.

C: Aí antes você trabalhava na limpeza, ficou quantos anos na limpeza pra depois ser encarregada?

V: Olha fiquei na *Conserve-se*, fiquei uns dois ou três anos na *conserve-se* trabalhando de limpeza, e uns quatro ou cinco anos de encarregada, fiquei uns quatro ou cinco anos. Só saí porque aquilo que eu já te falei né? Me enrolei com o supervisor, e briguei, discuti, e não quis mais ficar, fui lá pedi conta, maior burrice da minha vida que eu fiz né? A única coisa que eu me arrependo é isso porque eles pagava legal, não era esse salário daqui, um salário bem melhor. Eu recebia cento e poucos reais só de gratificação pelo cargo de encarregada. Eu saí de lá de bobeira, hoje em dia poderia ser um... se tivesse cabeça... hoje uma grande amiga dele e continuado na empresa. Nada a ver. O dono mesmo da empresa, Seu Júlio me adorava, me adorava mesmo, falava “Pô Vera, você é muito falada no escritório, muita homenagem chega aqui pra você”, eu “É mesmo doutor, nem sabia?!” Como essa semana também Ângela também teve elogio do pessoal lá da reitoria, do meu supervisor, dos dois supervisores (posso falar?) [ficou em dúvida se falava ou não, desliguei o gravador e falei de ela quisesse gravar isso não tinha problema]. A Angela teve lá na Reitoria. eu sou muito brincalhona né? Moleca, ela

diz que eu sou moleca. Sou muito brincalhona. Aí toda vez que o supervisor vem aqui eu fico assim “Meu Deus, que preto meu Deus, que colírio dos meus olhos”, aí encarno à beça né? Aí lá na reitoria, aí Ângela fica “aí meu Deus ela racha a minha cara”. Ângela morre de vergonha de tudo, eu não, não tenho vergonha, sou sem-vergonha mesmo (risos). Aí ela foi lá na reitoria pegar uns material, aí ele tava falando “Pô lá tem uma funcionária de Ângela que racha a cara de Ângela, brincalhona pra caramba”, aí o (...) perguntou: “Quem é a funcionária?” Aí Ângela falou “É Vera”, “Hum Vera brinca com seu Paulo assim, Vera brinca com todo mundo assim, não esquenta não”. Ele “não, não, mas gostei de vê, ela é brincalhona à beça mas o setor dela é dez hein!”. Aí Ângela chegou aqui toda boba falando. “Viu Vera você foi elogiada lá, seu Armando, tudo te elogiando lá pelo seu setor, diz que é dez”. Eu falei “Ah, com certeza, e cada vez mais melhor, né”? Muito bom a gente caprichar no nosso serviço e ser elogiada, não só pelo pessoal de lá da Luso, aqui também é muito importante né? Os funcionários achar que o meu serviço tá bom, tá sendo caprichado, é muito importante a gente receber elogio dos funcionários aqui. Eu fico muito boba quando alguns dos funcionários aqui, quando todos eles falam né? “Pô a limpeza aqui, pôxa é dez hein. Gosto muito da limpeza daqui, aqui é muito caprichado”. Acho muito legal as pessoas elogiarem. Tem muitas pessoas que vêm de fora pra defesa né? Entra no banheiro “Puxa que banheiro! Ta de parabéns”, eu digo “muito obrigada”, “Vou saí daqui falando pra Deus e o mundo que isso aqui é muito limpo”, “Então muito obrigada”. A gente fica toda boa né? elogio nunca é demais (risos).

C: E lá na *Conserve-se* o que que o encarregado faz?

V: O encarregado é programado para mandar e desmandar. Uma coisinha meia chata, mas se você souber levar as pessoas é show porque graças a Deus eu trabalhei lá uns cinco ou seis anos de encarregada graças a Deus e nunca tive desamizade com ninguém. Sempre me dei bem, sempre tentei compreender as pessoas. Chegou tarde, “tenho um filho pequeno tá passando mal”, sempre tem algum problema, ninguém falta à toa, com certeza, então é muito importante você saber lidar com as pessoas, compreender as pessoas, isso é muito importante mesmo. E isso tudo, às vezes eu conversando com Ângela, eu passo muito isso pra Ângela. A gente sente quando a pessoa tá mentindo, e quando a pessoa fala a verdade. Então lá eu tinha a minha Fátima, a negona, eu chamava ela de negona, show de bola, muito legal mesmo, Márcia, todos os meus funcionários, Luiz, João, todos os meus funcionário, meus funcionário não, funcionário da *Conserve-se*, com todos ele eu me dava bem, graças a Deus.

C: É *Conserve-se*?

V: É. Tânia, todo mundo, todo mundo que trabalhava comigo eu adorava e gostava. Faltava chegava pra mim eu não botava falta, botava não, primeiro eu tinha que saber a justificção dela. “Ah Vera, meu filho passou mal levei ao médico, não melhorou fiquei em casa com ele”. “tudo bem assina aí ganha o seu dia”. Porque você não ganha nada, você tirar o dia de uma pessoa, não ganha nada com isso, você só arruma desamizade, e pra você botá em um, você colocá em um, você tem que colocá em todas. Então pra você não prejudicá uma, você não prejudica ninguém.

C: E depois da *Conserve-se*?

V: Casa de família. Dr^a Leila e Dr.^o Alan.

C: Que foi dos meninos que você já falou né?

V: Isso. Da Talita e do Gabriel que eu á falei. Depois vim pra cá, fiquei aqui.

C: Como que cê entrou aqui?

V: Aqui é uma história muito longa (risos). Meu segundo marido estava desempregado, e nessa casa que eu tabalhei, essa última da Dr.^a Leila, a mãe tinha um caso com... tinha um namorado lá da Luso-Brasileira. E eu falando que o meu marido tava desempregado, só eu trabalhando pra sustentar... eu sustentava na época meus três filhos, minha irmã, meu cunhado, tudo desempregado dentro de casa, e ele desempregado, meu marido. Aí eu comentando “Ah já não tô agüentando mais, eu já tô em tempo de enlouquecer”. “Por que Verinha?”. “Meu marido desempregado, meu cunhado desempregado, minha irmã desemprega, só eu trabalhando pra sustentar todo mundo”. Aí ela foi e falou com a mãe dela, a mãe dela falou com esse namorado da firma e arrumou um vaga pro meu marido. Meu marido começou a trabalhar como limpador e acabou sendo líder. Aí depois a gente separamos, ele foi morar na casa da mãe dele, eu continuei na minha com meus filhos e sempre, depois de separados a gente continuamos amigos, precisou de mim, eu sempre tava lá para ajudá. Por que ser inimigo se a gente tinha filhos? Separamos, continuamos amigos. Ele levou um tombo lá na luso, eu que cuidava dele, ia pro Antonio Pedro dá banho, fazê barba, levá roupa limpa, trazê roupa suja, tudo isso eu fazia. E, meus patrões sempre me deram maior apoio, é claro, Dr.^o Alan era médico, ia lá vê o estado dele. Ficou bom, continuou na Luso, depois começou a beber muito, e nisso veio a falecer. Veio a falecer, e eu corri atrás da pensão fiz boas amizades no escritório né? Eu vendo negócio de pensão tal, falando com as menina, conheci a Patrícia, conheci a Neide ótimas funcionárias lá da Luso –Brasileira, fiz uma boa amizade e falei que trabalhava numa casa de família e tal. Ela falou “Olha Vera depois que você resolver tudo isso, do seu falecido marido, você procura a gente aqui pra gente arrumá uma vaguinha pra você. Eu falei “tudo bem. Não vão esquecê de mim não?”. “Não, jamais”. Aí quando eu resolvi tudo, fui e liguei pra elas, conversei “ó, tô desempregada, tô precisando de uma vaga, vocês têm pra me arrumar? Eu sou Vera Lúcia aquela menina do Odair”. Conversei com elas. “Ah Vera lembro sim, claro”. Aí mandou eu ir lá, eu fui e vim pra cá, e tô trabalhando até hoje. Até achei até muito estranho porque todas as funcionárias que começa a trabalhá na Luso, antes de elas vir pro setor, elas têm que ir pra Reitoria, e eu não eu já vim direto pro meu setor.

C: Sempre trabalhou aqui?

V: Eu vou fazer três anos de Luso, e três anos aqui, nunca fui transferida, nada disso, graças a Deus.

C: E nessa fase que você falou que o seu marido ficou desempregado. Como que foi assim essa fase?

V: Uma barra. Uma barra mesmo, uma barra. Só não foi pior assim, em termos de falta um pão, um leite pros meus filhos, aquilo que eu te falei, eu corria muito atrás. Trabalhava de segunda a sexta, sábado e domingo eu tinha minhas faxina, minha passagem de roupa, sempre corri atrás mesmo. Minhas unha, fazia unha pra fora também, né? O tempinho que eu tinha, eu ia dormir duas três horas da manhã fazendo unha, lá do pessoal mesmo do morro, cobrava R\$10 reais pé e mão. Fazia minhas unha, faturava cinqüenta às vezes no sábado, dia de domingo faturava mais quarenta, sessenta, às vezes até mais, época de festa então,

faturava cem, duzentos, por dia. Mas também pegava sete horas da manhã e rolava madrugada né? Fazendo unha. Eu conseguia arrumá uma graninha e nunca deixei meus filho faltá nada.

C: E o seu marido assim, nessa época que ele ficou desempregado ele tentava...?

V: A fazê alguma coisa? Não, só bebia, só bebia, bebia saía pra se encontrá com amante, chegava no outro dia, só esses tipo de gracinha que ele fazia, mais nada. Eu como já tava já saturada nem esquentava mais a cabeça. Andava cansada né? Trabalhava o tempo todo pra não deixá faltá nada. Quem procurava me ajudá muito era minha irmã. Ela arrumou um servicinho de camelô, foi trabalhá de camelô, o dinheirinho que ela faturava durante o dia ela comprava as coisa. E quando passava no sacolão assim (eu não tenho vergonha de falá não), quando ela passava no sacolão também que ela via aquelas verduras assim um pouquinho estragada né? um pedacinho meio mole, ela levava, a gente fazia sopão pra gente. A gente catava bertalha. Não sei se você conhece bertalha.

C: conheço.

V: A gente catava bertalha, colocava dentro aí fazia aquele verdadeiro sopão, macarrão, a gente catava muito essas coisa pra gente comê, macarrão, verduras, muitas verduras mesmo nós catamos para fazer sopão na época que eles tavam tudo desempregado, e eu só trabalhando, um salário só não dava.

C: E a sua irmã era...?

V: Eurides.

C: Eurides?

V: É.

C: Vocês continuam assim muito unidos né? assim com seus irmãos.

V: Continuamos, muito unidos mesmo. Semana passada, domingo passado eu fui até almoçar com ela, foi eu meus filho e meu neto. Ela tem duas menina e um menino, Natália, (Natana?) e o Jonatha. E, eu ajudei muito ela como ela também me ajudou muito. Somos unidos.

C: E ela mora...?

V: Icaraí, ela mora no Morro do Palácio.

C: Morro do Palácio?

V: Cavalão.

C: Cavalão.

V: Já ouviu falá no Morro do Cavalão? Aqui em Icaraí. E meu irmão morava na Joaquim Távora, num apartamento com a esposa e o filho, aí separo u e foi lá pra cima também no Morro do Cavalão. Tem o meu sobrinho também, o Alan, meu sobrinho afilhado, eu adoro, filho desse meu irmão que mora lá, no Morro do Cavalão.

C: Seu irmão é...?

V: José Augusto. E o outro que mora em Caxias, é Heribaldo, com HE. Heribaldo mora lá em Caxias, tem quatro meninas, e um casal de neto. Legal né? igual a mim, um casalzinho. E minhas cunhada também são show de bola, essa daqui tá separada mas adoro ela, a Graça, a Juçara também que é esposa do que mora no Rio, muito maneira, muito legal. Adoro todas duas não tenho que falá delas não.

C: E você assim se encontra com seus irmãos...?

V: Uhum. Festa de final de ano vão tudo lá pra casa. Vai meu irmãos, minhas cunhada, meus sobrinho, vai todo mundo lá pra casa. Reúne a família toda, vai lá

pra casa. Por exemplo, se todo mundo for lá pra casa no Natal, no Ano Novo todo mundo se reúne na casa de um deles. E todo mundo passa junto. Acho muito legal, a gente passa assim, a família tudo junto. “Ah porque eu não gosto de sair de casa”, nada disso, não tem nada disso com a gente. A gente se reúne cada um dá uma coisa. Por exemplo, se a gente for fazê um churrasco, eu levo um quilo de carne, outro leva um quilo, outro leva outra coisa, cada um dá uma coisa e a gente chega junto.

C: legal isso.

V: E onde eu moro eu sou assim com os meus amigos também, meus vizinho e amigos. Tem uma brincadeira pra fazê. “Ah, vamo fazê festinha americana?” “Vamos”, “É aniversário de quem?”. Por exemplo, aniversário da Priscila em setembro, dia 9 de setembro foi aniversário dela, dia 27 foi aniversário do filho dela. Aí eu fiz um bolo pro Marlon, e depois rolou um churrasquinho com todos os amigos, os vizinho. Todo mundo deu um quilo de carne, guaraná, outro deu cerveja, quem bebe dá cerveja, e fizemos uma bagunça no aniversário dela. Aí coloca o som pra fora, uma coisinha legal, no lugar de você ficá por aí de madrugada andando, arriscando a vida porque hoje em dia a violência tá demais, a gente faz a bagunça dentro de casa. Aí quando termina ali todo mundo cai, vai dormir, quem quer dormir vai dormir, quem não quer dormir fica ali escutando música e bebendo até as tanta, mas sempre dentro de casa.

C: Eu só não entendi uma coisa que você falou. Quando seu marido foi trabalhar na luso, aí você disse que ele era líder.

V: Isso. Líder é a mesma coisa que a Ângela é. Líder é mandá na turma. Vê o trabalho da pessoa se tá sendo bem feito, se não tiver mandá fazer, é o que a Ângela faz com a gente né? Ela agora vai entrar de férias, ela também fez até uma homenagem pra mim, pra Ilza Carla que “ò, tô entrando de férias, mas vou despreocupada com o seu setor e com o de Ilza porque eu sei que vocês trabalham direitinho, limpa tudo, e eu dei uma reunião hoje e você não tava (porque eu fui ao médico hoje), você não estava, mas eu vou passando pra você. Mas sabendo que você não é assim, falei com o pessoal não chegá atrasado, horário de almoço, pra não sair antes do horário”, não tentar prejudicá a Dita que vai ficá no lugar dela, pra não tentar prejudicá o setor “Mas eu não tô falando isso pra você não Vera, porque você cumpre suas obrigações direitinho”. Falei “muito obrigada”. E, é legal, é legal, você ouvir isso aí. E ele era isso aí. Ele tinha que lidar, só que no final ele começou a beber muito, no lugar de ele mandá na turma, a turma tava começando a mandá nele. Até que caiu lá, no serviço lá ficou por conta do INSS, aí logo em seguida ele faleceu, me deram as contas dele né? Me deram tudo direitinho. Não soube também aproveitar o cargo dele porque se eu entro numa firma dessa aí como líder meu filho mais tarde eu seria encarregada, com certeza. Fazia de tudo para ser uma encarregada. Ser uma boa funcionária, pra ser uma boa encarregada.

C: Depois do líder vem o encarregado?

V: É, encarregado. Você chegou a conhecer a Valdinéia? [respondi com a cabeça que não]. Que trabalhou aqui, era líder, ela saiu daqui pra ser encarregada em outro setor, eles tira de um local e bota noutro com cargo melhor.

C: Aí encarregado faz a mesma coisa que você fazia lá na *Conserve-se*?

V: Isso. Manda na turma, manda e desmanda. A única coisa que... o líder é mais pra auxiliar, o encarregado é mais pra mandá. E ele poderia né? Se ele conservasse o cargo dele, se ele tivesse amor pelo cargo dele, se não se entregasse a bebida, hoje em dia ele poderia tá vivo aí e ser um bom encarregado, só que ele deu mole, deixou o pessoal mandá mais nele do que no serviço. Não poderia acontecer isso. Seu Paulo mesmo esses dia chegou aqui e tava conversando sobre isso”Pô Vera, demos um cargo pro seu marido mas ele não soube aproveitá”. E eu vou fazê o que né?

C: Ele trabalhava aqui no ICHF?

V: Não. Ele trabalhava na Faculdade de Direito, no Ingá. Trabalhava ali, ali é molinho né, de trabalhá ali, ali eu acho ótimo aquilo ali, nunca fui ali não, mas eu acho ótimo, só de passá em frente, eu acho legal aquilo ali. Trabalhou aqui no Valonguinho também, trabalhou no DCE, foi líder ali, ele começou ali, dali ele foi pra lá. Só que ele não valorizou o cargo dele. Não valorizou o cargo, não valorizou a mulher que teve, não valorizou os filhos que teve. Deixa rolá, fazê o que né? Ele deu mais preferência à cachaça, que eu acho também que é uma droga horrorosa, destrói com o casamento, destrói com a vida da pessoa, destrói a vida com os filho. Não destruiu a vida dele com os filho porque eu sempre passei pros meus filhos que é muito bom a gente dá carinho e amor pras pessoas, por isso que não destruiu. Depois da gente separado os filhos também iam pra lá, lavava a roupa dele, passava, limpava a casa dele toda. A outra fazia comida, sempre tava lá os três junto tentando ajudá ele, mas não quis valorizá nada disso.

C: Nessa época que ele ficou desempregado vocês tinha alguma discussão por causa disso?

V: Tinha, bastante né? Bastante. Não era pouca não, era muita. Porque, às vezes eu comprava um danone pros meus filho. “Ah, ta vendo que eu tô desempregado e compra danone!”. Falei “Meu filho vai catá papel, vai vendê papelão na rua, vendê um doce na rua, num instantinho arruma dinheiro. Agora, não é porque você está desempregado que eu vou deixar meus filhos não comê um danone, comê uma fruta, jamais. E o dinheiro é meu e eu faço o que eu quisé. Compro pros meus filho a hora que eu quisé”. Aí ele ficou sem graça, ficava sem gracinha e ficava quieto. Porque eu acho Cristiane... eu já fiquei desempregada, como eu já falei, mas fui trabalhá de camelô, pra não deixá meus filho faltá nada. Você tendo uma boa comunicação, você se comunicando com as pessoas, porque você só arruma uma coisa pra você fazê. Eu quando me separei do meu primeiro marido, eu cansei de batê em porta de madame pra passá uma roupa, pra não deixar minha filha passá sem alimentação. Acho que tudo vale de você chegá e se comunicá. Se eu to precisando dessa caneta aqui, eu não vou chegá aqui meter a mão e levá, jamais. Eu vou chegá aqui “ô Cristiane, dá pra você me arrumá um lápis aí?”. Eu acho muito bonito você não ter condições de uma coisa, vamos pedi, mas pedir com honestidade. Outra coisa também que eu esqueci de falá. Gosto de ser muito honesta. Moro no Morro do Estado, nascida e criada, mas se é uma coisa que eu tenho é muita honestidade, não gosto de mexer em nada de ninguém, a não ser que a pessoa pegue e me dê na minha mão “Vera isso aqui é seu”, eu agradeço e levo, mas eu meter a mão em nada dos outro jamais, nunca, nunca, nunca aconteceu isso comigo, graças a Deus, e nunca há de acontecer, porque eu sempre me orgulhei de ser pobre, mas uma pobre humilde, e isso é

muito, muito importante. E ensinei meus filho também a ser assim. Vamos ser pobre mas com honestidade, na limpeza, no capricho porque isso é muito importante pra vida da gente.

C: Peraí, deixa eu te fazer outra pergunta, rapidinho, rapidinho. Agora falando... O seu marido quando foi que ele morreu? O segundo.

V: É.. 1999, tem cinco ano dele morto [parou pra pensa], tem seis ano, seis ano dele morto.

C: Fale sobre a Luso.

V: Luso, *Luso-Brasileira*. A Luso é legal, o setor pra mim trabalhá é legal, adoro as pessoas daqui, adoro o meu setor de trabalho, adoro o meu serviço, eu só acho errado da luso certas coisas, como por exemplo, você entra de férias, vem descontado no seu contracheque tíquete de refeição e vale transporte, isso é uma coisa que você não recebe. Por que descontar? É um tipo de coisa que eu acho super errado. Outra coisa é uma hora extra, você vai fazê uma hora extra, como eu estava aqui fazendo uma hora extra né? largava às 16h e ficava trabalhando aqui no 5º andar até as 19h, então vinha uma hora extra, vinha 63 reais de hora extra, além de ser pouco e errado porque não é só isso, ainda vinha descontado o INSS mais um pouco, e isso eu acho errado também. Mas o resto é boa, boa, não tenho nada que falá não. O resto, tirando isso aí, ótimo.

C: Você trabalhou bastante em empresa terceirizada né?

V: Trabalhei, bastante tempo mesmo. Trabalhei na *Sitran*, trabalhei na *Conserve-se*, tô aqui na Luso, e firma nenhuma que eu trabalhei antes, não fazia isso. A gente entrava de férias, a gente realmente não recebia, nem o tíquete de refeição, nem o vale transporte, mas também não vinha descontado, porque se vem descontado alguém tá comento do seu tíquete e do seu vale-transporte, com certeza. Alguém. Quem é esse alguém? Lá de dentro, os grandões. Com certeza alguém come isso aí. Eu acho que se você não tem direito a receber uma coisa, você não tem direito a ser descontado. Às vezes eu discuto à beça com Ângela sobre essas coisas, discuto não, a gente conversa né? sobre isso. Ela "Vera, mas no dia que você sair dela, você coloca no pau, você recebe tudo". Eu nunca gostei de colocar firma na justiça Cristiane porque você não sabe o dia de amanhã. De repente você fica desemprega, você precisa daquela vaga, daquele serviço, e você colocou na justiça. E aí? Não vão te dá essa vaga, porque se você colocou na justiça, jamais eles vão te dá uma vaga. Colocá uma pessoa dentro de uma firma que botou a firma na justiça, não coloca, eles não dão vaga. E eu nunca gostei disso, todo lugar que eu trabalho eu gosto de sair na paz, gosto de sair gostando de todo mundo, me dando bem com todo mundo, sempre me comunicando porque você nunca sabe o dia de amanhã, eu sempre pensei assim, e sempre falei pros meus filho assim. "Nunca faça sujeira com seus amigos com ninguém no trabalho, lugar nenhum porque dor de barriga não dá uma vez só". Da *Luso-Brasileira* eu tenho muito pouco a falá. Supervisores são legal, a líder é maravilhosa, a gente se dá super bem, parece que é mãe e filha, você vê aí né que eu brinco, converso à beça. Às vezes tô com algum problema, chego pra ela falo, pra mim ela é show de bola. Hoje mesmo eu tive um dia todo preocupado com negócio de médico, se é outro não deixava eu assiná, ela deixou⁴. Cada

⁴ Mexi no gravador sem querer.

médico que eu fui trouxe uma declaração qual horário que eu entrei, qual o horário que eu saí, porque eu gosto das minha coisa muito certa pra depois os outro não ficar falando. Aí coloquei lá, ela colocou lá na minha folha. Gosto de andá certa pra não ter sabe? Reclamações. Gosto de andá certa pras minhas amiga não ter cobrança, porque se eu cobro, eu cobro da minha líder, eu cobro dela sim. Se uma... por exemplo, uma funcionária sai... o horário da gente almoçar é 11:30, pára pra almoçar, volta 13h, se uma funcionária sai 11:05 eu reclamo, porque se 11:05 eu tô aqui na sala ralando por que a outra vai saí 11:05? Se o horário é 11:30, e eu nunca paro 11:30? Eu paro 11:40, dez para o meio dia, às vezes meio-dia ela fala pra caramba "Pô Vera perdemos todo o nosso horário de almoço por causa de você, começa a trabalhá e esquece da vida". E eu esqueço. Dita às vezes fica assim "ô Vera você perde a horário almoço com relógio no pulso". Eu faço assim ó, eu falo pra ela "eu viro meu relógio que não é nem pra olhá a hora, eu quero é trabalhá, eu quero é terminá com meu serviço". E ela fica pau da vida comigo né? Só essa parte aí, ela fica pau da vida comigo porque eu sempre perco a hora do almoço intertida no serviço, no trabalho, e esqueço.

C: Sua carteira aqui é assinada?

V: É assinada. Tenho décimo terceiro, tenho meu PIS, tenho meu salário todo mês direitinho, tem direitinho, tudo direitinho.

C: E o salário que você ganha aqui dá pra você pagá suas despesas?

V: Não, não dá. A sorte é que eu tenho minha pensão, né? Que eu ganho até a mais do que isso aqui, e minhas extrazinha que é os cafezinho que a gente faz, é faxina, eu faço faxina na casa da Stela. Faço faxina na casa da Stela, essas prova, esses concurso, esses encontro que tem aqui, é o que ajuda a gente aí. Domingo mesmo tem uma provinha aí pra gente trabalhá né? Já é uns quarentinha que a gente vai ganhá, um dinheirinho extra pra gente fazê alguma coisa.

C: Você falou que seu filho, ele trabalha?

V: Trabalha e me ajuda. Ele ganha um salário mínimo né? Ele ganha R\$ 260,00 mas vem descontado o INSS dele porque assinaram a carteira dele, gostaram tanto dele, um bom funcionário, um funcionário exemplar que o patrão dele chama ele, assinou a carteirinha dele com 16 anos.

C: Com 16 anos?

V: Com 16 anos, assinou a carteira dele, então só vem descontado na carteira dele o INSS

Fita 2: 24/11/04

Entrevistada: Vera Lúcia de J. Vieira

Entrevistadora: Cristiane Maria Marcelo

Local: Sala de Convivência dos Alunos de Pós-Graduação da História no 5º andar do bloco O (ambiente de trabalho)

Lado A:

C: E aí?

V: Eu parei sobre meu filho não foi isso?

C: Foi, foi. Aí você disse que já assinou a carteira dele com 16 anos, não sei o que. O que que ele faz?

V: Ele faz de tudo um pouco, ele tira xerox no serviço, ele faz pagamento em banco, é... mexe em computador, mexe geral mesmo, ele mexe tudo um pouco. Muito inteligente, fez o curso de informática, passou. Ele é muito inteligente mesmo. O patrão adora ele, a patroa então, de montão. E ... muito esforçado, esforçado demais, até eu achei que ele puxou muito a mim, quando ele quer alguma coisa ele batalha pra ter aquilo, acho muito legal, muito bacana mesmo. Ontem mesmo eu tava falando lá em casa que ele é um menino muito esforçado, graças a Deus, que ele puxou muito a mim. Trabalhador. Tudo que você fala assim, vai fazer isso, assim, assim, ele vai, faz, seja pra ganhar ou... ganhando o dinheiro ou não ele vai e faz, muito trabalhador, muito esforçado mesmo.

C: Na nossa última entrevista você tinha falado da Luso, não sei o que. E aí seu relacionamento com os funcionários também é muito legal né?

V: É ótimo, maravilhoso.

C: Agora o que eu queria te perguntar, é sobre seu relacionamento com suas colegas de trabalho, como que é? Rola algum tipo de intriga?

V: não, até que não porque... primeiro porque eu não dou confiança pra esse tipo de coisa, né. segundo porque eu tento me dar bem com todo mundo. Deve rolar um pouquinho assim, de ciúmes, né, porque isso é normal (...) com a chefe porque eu tenho um amor, uma amizade com a chefe, então eles acham até que eu sou puxa saco da chefe, isso aí não tem nada a ver, acho que desde o momento que você sabe fazer uma amizade... não é só saber fazer uma amizade, é saber cativar a amizade, respeitá a amizade, porque têm pessoas que fazem amizade hoje e daqui a pouco estão arrumando tumulto, estão se afastando daquela amizade, e não é assim, amizade a gente tem que cativá pro resto da vida.

C: Vocês têm festa de fim de ano?

V: A gente fazia, mas começou um querer participá, outros não querer participá, aí minha chefe cortou. A gente final de ano junta assim, quem quer vai prum restaurantezinho, a gente almoça ou lancha e pronto. Ano passado foi assim, a gente só lanchamos.

C: É... outra coisa que eu vou te perguntar. Assim você teve vários trabalhos, mas teve assim algum mais especial que você mais gostou?

V: Qual eu mais gostei?! Ah quando eu trabalhei de encarregada numa firma de limpeza, foi o serviço que eu mais gostei.

C: *Conserve-se?*

V: Isso. Foi o serviço que eu mais gostei mesmo porque ali você trabalha, ao mesmo tempo você manda, você observa o serviço das pessoas. Isso é muito importante. Foi o serviço que eu mais gostei. Apesar que eu gosto de todos, desde o momento que você fala em trabalho eu gosto de todos.

C: Interessante! E assim, quando a gente é criança, a gente sempre tem um sonho de profissão. Cê tinha?

V: Tinha. Minha vontade quando era criança era ser uma aeromoça (...) conhecer outros países, outros lugares. Eu sempre... depois que eu casei foi que eu perdi a vontade de ser, mas quando eu era garota eu era louca, não podia vê um avião passando "eu ainda vou ser uma aeromoça". Depois eu desisti, depois que eu casei, veio filho, aí complicou.

C: Mas cê pretende ainda ser uma aeromoça?

V: Não, hoje em dia mais não, porque eu não tenho coragem de abandonar meus filhos mais não. Hoje em dia é Deus no céu minha filha! E meus filhinho na terra. Adoro meus filho, não consigo ficar longe deles. Hoje em dia não, desisti mesmo. Hoje em dia eu estou bem na Luso Brasileira (risos). E quero permanecer aqui por muito e muitos anos, até as pessoas enjoar de mim aqui (risos), que eu tenho certeza que não vai enjoar né? Eu quero, eu pretendo ficá aqui até eu me aposentar, com certeza, se eu chegá lá, se Deus permitir, né? Ontem eu fiz quarentão (risos).

C: Parabéns.

V: Obrigada. Fiz quarentão ontem, então daqui pra frente eu quero me manter aqui até chegá minha aposentadoria, pra poder me aposentar. Mesmo depois de aposentada vou arrumá alguma coisa pra mim fazê, não vou ficá aquelas velhinha dentro de casa não. Vou procurar alguma coisa mesmo, alguma coisa pra mim vendê, trabalhar, assim por fora do meu serviço, alguma coisa, só não quero ficá parada se não eu fico doente.

C: E assim... você começou a trabalhar muito cedo né? desde a época que você começou a trabalhar e até agora, você observa assim alguma diferença, alguma modificação no modo de arrumá emprego?

V: Não, até que não, pra mim graças a Deus até que é fácil! Muto fácil mesmo, não sei se é pelo tempo de... que eu sou acostumada a trabalhar, não sei, é muito fácil, pra mim é fácil, pelo menos pra eu entrar na luso, em tudo que foi firma que eu trabalhei até hoje foi fácil. Eu ligava, eles marcava o dia de eu ir lá fazer a entrevista, graças a Deus sempre passei nas entrevista, sempre passei assim na primeira mesmo entrevista. A *Luso-Brasileira* também foi a mesma coisa, me chamaram pra fazê a entrevista, eu fui, e... acabou a entrevista eles me mandaram lá pro escritório, pegar os documentos, uniforme, pegar as coisa e já vim pro meu setor que é esse aqui. Desde quando comecei a trabalhar, trabalho aqui,daqui ainda não fui transferida nem nada, sinal de que sou boa funcionária (risos), se eu não fosse né, estaria longe daqui. Mais alguma pergunta [ela tinha que voltar a trabalhar 13h].

C: Assim, agora no geral. Como que você acha que tá essa situação de arrumá emprego?

V: Difícil, muito difícil mesmo. Meu filho pelo menos, você vê, ele tá com 16, foi uma coisa assim muito difícil pra ele arrumá, só não foi tão difícil porque ele fazia um curso na igreja Cristã, e esse curso ele preparava os menores, os adolescente a tirar xerox, mexer no computador, ensinava ser um... é Office boy, ensinava cada coisa um pouco, entendeu? Aí não se tornou tão difícil porque ele trabalha no escritório hoje a mando desse cursos. Ele tava dentro de casa, ligaram lá pra casa e mandaram ele comparecer, ele fez a entrevista passou e ficou trabalhando. Hoje em dia os patrões adora né? Mas tudo por causa desse curso, se não fosse esse curso seria muito difícil. Eu tô com a minha filha lá de 19, colocando currículo em loja, em tudo que é mercado, mas tá difícil, ninguém chama. Muito difícil mesmo. Minha outra de 21 anos também tá correndo atrás mas nada. Ela quer trabalhar até pra melhorá até a vidinha dela com filhinha, o marido né? Pra ajudá. Mas tá muito difícil mesmo, a falta de emprego ta demais⁵.

⁵ Alguém mexe na lata de lixo.

C: E, tipo, é... Se você pudesse, assim, um trabalho pros seus filhos (pra terminá) que tipo de trabalho você escolheria?

V: Bom, pelo estudo que eles têm, eu sempre aconselhei eles a não trabalhar em firma de limpeza, não porque é ruim, isso e aquilo, porque eles têm um estudozinho melhor. Então eu falo pra eles arrumá assim, uma loja, uma coisinha assim mais selecionada, uma coisinha assim mais... Fazer uns concurso né? Pra UFF, pra onde tiver concurso ir fazendo um bocado de concurso pra trabalhar numa coisinha melhor, como funcionário público, funcionário federal, secretária né? mas assim, firma de limpeza não, mas apesar que elas falaram se não encontrar nada elas vão entrar na firma.

C: É fácil entrá na firma de limpeza?

V: Não, você tendo conhecimento. No caso assim, a Luso eu tenho conhecimento geral, tanto no escritório quanto supervisor, me dou muito bem, brinco até com o pessoal do escritório, brinco com o pessoal aqui da reitoria, e todo mundo, bom, me adora. Então é fácil pra eu arrumá pra elas, muito fácil mesmo, é só falar com seu Armando ou com seu Paulo, rapidinho eles arrumam uma vaguinha, só que por enquanto eu não quero.

C: Quem é Seu Paulo?

V: Supervisor da firma, Seu Armando também é supervisor da firma.

C: Então Vera queria te pedir maior brigadão assim, me ajudou muito e tal... Cê quer falar mais alguma coisa?

V: Eu que agradeço Cristiane, por essa oportunidade maravilhosa, que você me deu. espero que você tenha muito sucesso pela frente porque você é dez (C: risos),se botá mais um zero (risos).

C: brigada

V: ta bom?!